

Atos dos Apóstolos e o gênero romanesco de aventuras e provações: Aproximações e distanciamentos

*Francisco Benedito Leite*¹

Resumo

Através de nosso breve texto pretendemos apresentar o livro canônico dos *Atos dos Apóstolos* e suas semelhanças com o gênero romanesco de “aventuras e provações”, conforme a classificação de seu cronotopo – segundo o conceito de Mikhail Mikhailovich Bakhtin. Primeiramente, apresentando como o referido conceito classifica o tempo e o espaço e como podemos lançar mão de sua utilização, logo após, demonstrando sua aplicação no livro de *Atos dos Apóstolos* através de referências e citações do próprio livro.

Palavras-chave: *Atos dos Apóstolos*, gênero, cronotopo, tempo de aventura e provações, Bakhtin.

Abstract

Through our brief text we aim to present the canonical book of *Acts* and its similarities with the genre of “adventures and trials”, according to the classification of its chronotope – regarding to the concept of Mikhail Mikhailovich Bakhtin. At first, we present as the mentioned concept classifies the time and space and how we can resort to its use, after demonstrating its application in the book of *Acts* through references and quotes from the book itself.

Key-words: *Acts of the Apostles*, gender, chronotope, time of adventure and trials, Bakhtin.

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oracula; e-mail: ethnosfran@hotmail.com

1. Um complicado conceito chamado “cronotopo”

Entre suas pesquisas a respeito das formas pré-românticos e dos primeiros romances propriamente ditos – que se tornaram uma teoria particular da gênese do romance, como gênero literário – o pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895, Orel – 1975, Moscou), cunhou o conceito “cronotopo” para estruturação do tempo e do espaço nessas referidas formas literárias.

Muitos intérpretes de Bakhtin se propuseram a explicar o conceito, cada um a seu próprio modo, assim, José Luiz Fiorin, apresenta-o da seguinte forma: “O cronotopo é uma categoria conteudístico-formal, que mostra a interligação fundamental das relações espaciais e temporais representadas nos textos, principalmente literários” (2008, p.134). Na sequência, o autor se refere a três formas de cronotopo do mundo antigo que ainda sobrevivem na tradição literária. Em seguida apresenta um deles, “o romance de aventuras e provações”, para demonstrar que “esse mesmo cronotopo foi utilizado até o século XVIII na denominada grande literatura e está em franco uso, com algumas adaptações, até o dia de hoje na chamada “literatura de massa” (*idem.*).

Catatine Clarck e Michael Holquist – que figuram entre os maiores especialistas de Bakhtin em todo o mundo – apresentam o conceito de cronotopo tendo raízes nas teorias de do célebre filósofo Imanuel Kant, e do não tão famoso fisiólogo Ukhtômski – ambos citados pelo próprio Bakhtin. Ele deriva de Kant a concepção da importância do tempo e do espaço como categorias primárias da percepção, e de Ukhtômski, a insistência na imediatez do espaço e do tempo na experiência humana. Assim, conforme os autores da biografia intelectual de Bakhtin, o autor russo toma os conceitos kantianos “dados” e “concebidos” e os aplica através da fisiologia de Ukhtômski, que insiste na contínua interação mútua entre o mundo real e o representado. Assim, a literatura é a maior exemplificação dessa mesma maneira que o organismo estabelece a relação entre representação e realidade. Na sequência desses esclarecimentos, os autores apresentam as três formas de desenvolvimento literário, que são caracterizados por três tipos de cronotopos distintos e que desencadeariam no romance. Pois, de uma maneira ou de outra, todos os romances subsequentes até o século XVIII são devedores a essas formas literárias, e após esse período, será sintomática tentativa de fuga de sua forma (2004. pp. 293-310), portanto, permanece sua influência ainda que via negação.

Marília Amorim o apresenta para explicar um filme iraniano de Kirostami, parece que segundo a autora essa é a única serventia do cronotopo. E ao apresentar o cronotopo afirma que Bakhtin “toma-o emprestado à matemática e à teoria da relatividade de Einstein para exprimir a indissolubilidade da relação entre o espaço e o tempo, sendo este último definido como quarta dimensão do primeiro. O cronotopo em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a *fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto*” (2008, p. 102). De fato Bakhtin o toma emprestado da teoria da relatividade de Einstein, isso ele assume (2010 B, p. 211), mas, presumir qualquer matematicidade seria tanto exagerado, quanto oposto ao pensamento de Bakhtin, pois o pensador russo claramente critica e se opõe às abstrações matematizadas dos estruturalistas². Bakhtin afirma que a teoria da relatividade é apenas uma “metáfora” da indissolúvel relação entre tempo e espaço na literatura (2010 B, p. 211).

Essas explicações do referido conceito, embora sejam utilíssimas, certamente o simplificam e eximem-no de sua profundidade, que só pode ser compreendida mediante a leitura do texto do próprio autor que fundiu o conceito³. Pois, para compreendemos esse conceito achamos necessário relacioná-lo com outros conceitos seus, a saber “carnavalização” e “realismo grotesco”. Nesse sentido, seu pensamento é arquetônico, tem suas interfaces voltadas para diferentes áreas, mas todas estão relacionadas entre si, por isso, achamos improvável que alguém compreenda o “cronotopo” sem compreender a “carnavalização” e “realismo grotesco”, da mesma maneira que ninguém compreende a “carnavalização” sem compreender a vulnerabilidade da linguagem apresentada pela sua teoria a respeito dos “gêneros discursivos”, da mesma maneira que ninguém conhece sua teoria dos gêneros do discurso sem compreender sua “filosofia da linguagem”, em que “o signo é arena da luta de classes” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 47), igualmente, sua “filosofia da linguagem” está diretamente relacionada com “a filosofia do ato ético” (1997), e talvez, também essa sua teoria nos lance a outra interface arquetônica de seu pensamento.

Um esclarecimento conceitual a mais: embora tenhamos usado repetidas vezes a palavra “estrutura”, não pretendemos relacionar Bakhtin com os estruturalistas, em nenhum momento, pois Bakhtin reitera repetidas vezes em suas obras que não compartilha as ideias

2 *Estética da criação verbal*, p.405.

3 Referimo-nos a necessidade de ler o texto: *Formas de tempo e cronotopo no romance – ensaios de poética histórica*, que teve sua primeira camada escrita entre 1937 e 1938, e obteve uma revisão seguida de observações finais em 1973, portanto, tendo sido revisto pelo Bakhtin maduro, que nessa última fase se preocupava com a metafísica da linguagem mais do que com qualquer outra coisa. No Brasil, esse texto se encontra em um livro que une escritos dispersos de Bakhtin, os quais, na obra compilada, receberam o título de *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance* (2010 B, pp. 211-362).

dessa escola⁴. Portanto, com o conceito de cronotopo compreendemos que Bakhtin apresentou alguns modelos de estrutura dos romances da antiguidade, que se baseiam na relação dos personagens com o tempo e o espaço manifestos no romance, no qual estão enquadrados, independente de qualquer outra classificação externa. Contudo insistimos na precariedade de tal compreensão, mas, mediante a nossa brevidade nesse artigo ficamos com ela, e nos dedicaremos a apresentar apenas “um desses modelos de estrutura”, que é o denominado “tempo de aventura e provações”.

2. “Tempo de aventura e provação”

O “tempo de aventura e provações” é, como já nos referimos algumas vezes acima, a estrutura básica da forma dos romances, desde seus protótipos gregos até suas manifestações no mundo contemporâneo, seja em forma literária, televisiva, radialística, ou possíveis outras, nessa estrutura de romance é onde existem dois eventos principais: o momento da paixão entre um casal, no início da narrativa, e o momento em que esses dois se unem através do casamento, no fim da narrativa, porém, entre esses dois eventos ocorre a aventura que se manifesta de várias formas diferentes. Toda essa aventura não ocorre em torno de um ou de outro personagem, mas sim, em torno do que há entre eles. Todo o evento, que acontece no período, o qual separa o casal é algo que não altera em nada a conclusão do romance, pois no final os dois heróis sempre se unirão de maneira semelhante a que estavam quando se encontraram, “castos, belos e apaixonados”.

Mas essa característica estrutural não é a única, embora seja a principal. As demais características do “tempo de aventura e provação”, enumeramos abaixo, conforme Bakhtin as apresenta em *Formas de tempo e cronotopo no romance – ensaios de poética histórica*. Embora ele não as tenha sistematizado, e saibamos que é possível o desdobramento das mesmas características em um número maior ou menor, contudo as enumeramos doze delas para tornar mais clara nossa compreensão e exposição a esse respeito;

Primeiramente destacamos que (1) *Tempo e espaço são totalmente abstratos no romance*, pois, o que ocorre no romance está fora de outras formas de classificação do tempo, não há período histórico, não há nada da lógica do tempo cotidiano e biográfico,

4 Na obra de autoria disputada entre Bakhtin e Volochinov: *Marxismo e filosofia da linguagem*, um longo trecho se dedica a rejeitar o “Objetivismo abstrato” representado pela figura representativa do estruturalismo: Ferdinand de Saussure (2010, p.86). Mas também em outros momentos Bakhtin criticou o estruturalismo, como por exemplo em seus textos fragmentários que estão em *Estética da Criação Verbal* p.271; p.405.

semelhantemente, a geografia também é um elemento indiferente, onde quer que se esteja os efeitos geográficos são neutros. Pensando nas categorias da (1.1.) *geografia* isso quer dizer que qualquer que seja o país onde se está, as características são as mesmas, no que diz respeito ao *topos*, as distâncias são ignoradas, as características físicas e culturais de outras nações também o são, o que é destacado é apenas algumas curiosidades e bizarrices, na maioria das vezes fictícias, de países estrangeiros pelos quais os heróis se movimentam. O mesmo acontece no tempo, onde há um imenso e óbvio (1.2) *hiato*, pois, apesar da grande aventura que se desenvolve ao longo do romance, ao fim da narrativa os heróis nunca estão velhos demais para exercer alguma função, tampouco, qualquer delimitação de saúde ou seqüela da longa jornada lhe atrapalha, isso quer dizer que se esse miolo da narrativa fosse tirado, seria possível um final idêntico, pois não há tempo histórico, o tempo é totalmente nulo, o que há é apenas um “hiato extratemporal” que divide os dois pólos da narrativa (2010 A. pp. 216-217)

No referido gênero Bakhtin também destaca (2) *a importância do discurso*, em suas palavras: “Tem grande peso específico nos romances os discursos das personagens, as de defesa e as outras, construídas conforme as regras da retórica convencional” (*idem*. p.215). Decorre disso (3) *a composição enciclopédica*: pois, “o romance grego tende pela sua composição ao conhecido enciclopedismo, em geral peculiar a esse gênero”, o que gera o item seguinte que é o (4) *sincretismo dos aspectos do gênero*: O enciclopedismo que Bakhtin quer dizer é a multiplicidade de assuntos tratados no romance devido à sua capacidade de readaptar formas literárias e discursivas características de outros gêneros, isso é “sincretismo” do ponto de vista literário (*ibidem*).

Olhando para dentro dos romances, vemos algumas características, que apesar da aparência não são apenas sincrônicas, mas tem relação direta com aspectos estruturais, como é o caso daquilo que Bakhtin chama de (5) *concomitância fortuita*, que é a necessidade dos fatos acontecerem em um determinado e exato momento no tempo e espaço, assim como a pura (6) *casualidade*, sem esses elementos, nenhum daqueles fatos aconteceriam, pois, um minuto antes ou depois, ou alguns metros antes e depois, significariam inutilizar toda a narrativa ser. Assim, aquelas repetidas coincidências que acontecem no romance estão na verdade relacionadas com o enredo, pois “sem a concomitância não haveria enredo algum e não haveria sobre o que escrever no romance” (*idem*. p. 218) Assim como a concomitância fortuita e a casualidade (7) *as forças irracionais*, sejam elas divindades, seres espirituais, forças da natureza, a força do destino; e (8) *a importância de conhecer o futuro* também serve ao enredo do romance (*idem*. pp.220s.). Mas esses ainda não são os únicos elementos que se

manifestam na narrativa a favor do enredo (9) *tempo*; e os constantes temas do (10) *encontro* e da (11) *estrada*, ou de uma forma geral, “da jornada”, exercem igual função no enredo

Todas essas características presentes nos romances de aventura e provação não são orgânicas, mas sim técnicas, isto é, há união entre toda essa conjuntura que se constitui no tempo e no espaço, que faz com que o romance funcione bem. Ou seja, a visão sobre a disposição e a função de todos esses elementos faz com que notemos que o romance é “cronotópico”. Pois, existe toda uma articulação indispensável para que uma narrativa se constitua romance de aventura e provação.

Mas ainda devemos nos referir a última característica que surge como resultado das referidas até aqui, que é (12) *o mundo estranho* no qual a história se desenrola – estranho do ponto de vista do homem que se move nele – mundo no qual o herói é uma espécie de homem impessoal (*idem*. p.229). Com isso, Bakhtin quis dizer que “o romance manifesta um aspecto do homem relacionado ao folclore e à cultura popular, que é a sua luta pela sobrevivência e contra todas as forças inumanas”, mas esse seria o aspecto diacrônico do romance o qual não abordaremos agora, apenas nos limitando às características sincrônicas.

3. *Atos dos Apóstolos* e as formas pré-romanescas

Tendo apresentado doze características possíveis do “romance de aventura e provação”, certamente, já salta à memória, aos conhecedores da narrativa de *Atos dos Apóstolos*, algumas semelhanças óbvias, e outras aproximações possíveis; e alguns elementos ausentes e inaproximáveis.

Porém, como nosso intento não se baseia simplesmente em “encaixar um conceito em uma narrativa para que assim vejamos uma teoria literária funcionar”, então, não fazemos questão de afirmar que o livro de *Atos* como um “romance de aventura e provação”, mas apenas temos em mente a possibilidade de um exercício comparativo, e pretendemos asseverar que as características do livro canônico não podem ser ilhadas das estruturas literárias das demais obras romanescas e pré-romanescas de seu mundo contemporâneo, mas podem, e devem, ser vistas paralelamente.

Primeiramente, no que diz respeito às diferenças óbvias, o livro de *Atos dos Apóstolos* não é um romance, não é uma obra claramente fictícia, pois, apesar de nosso olhar crítico em sua direção, ele se pressupõe verdadeiro, e se constrói como história. Obviamente, não como a história pressuposta pelos contemporâneos, nem se encaixa no gênero

historiográfico, mas queremos dizer que o autor tenta contar uma narrativa baseada em fatos reais, nos quais, pelo menos ele crê. Visto que nessa época da história da literatura não havia afastamento entre escrita e realidade, tal afastamento só aconteceria em um momento posterior, embora estivesse sendo abertos os caminhos para tal empreita (BAKHTIN 2010 B, p.387). *Atos* é “narrativa fundante” da Igreja Cristã, a primeira história do cristianismo, para a ala cristã que se tornaria a *haeresis* prevalecente.

Ainda, no que diz respeito às diferenças, em *Atos dos Apóstolos* não há aqueles elementos que estão nos pólos do “romance de aventura e proações”, que é: em um pólo o casal que se apaixona e se separa; e no outro pólo: o casal que se reencontra no mesmo estado em que se separou. Embora tenhamos usado o exemplo “casal”, pode haver no “romance de aventura e proações”, no lugar de casal, um outro tipo de separação, entre irmãos, amigos, parentes – como no caso das *Recognitiones* presente nas *Pseudo-Clementinas*⁵. Contudo *Atos* prescinde de qualquer elemento necessário para o tema do reencontro em seus polos, os temas e os personagens desse livro mudam notavelmente já no meio da narrativa quando Pedro é substituído por Paulo como personagem principal.

Porém, tomando especificamente o romance, mas também, *acta apostolorum* conhecido como *Recognitiones*, temos um exemplo de “romance de aventura e proação” – conforme o próprio Bakhtin se referiu a ele por várias vezes (2010 B, p. 168; 2010 A, p.208, *passim*) – mas temos também uma “narrativa fundante” do cristianismo síriaco, em alternativa ao livro canônico de *Atos*. A diferença estrutural entre as duas versões da primeira história do cristianismo é que em *Recognitiones* os eventos particulares da vida de Clemente de Roma – personagem principal – formam os pólos que dão as características romanescas ao texto, se trata de seu reencontro com sua família, da qual foi separado enquanto o era criança – e nos primeiros capítulos da narrativa – e se reencontraram quando o herói chegou ao destino do cristianismo primitivo, Roma – últimos capítulos da narrativa. Assim chega-se à conclusão de que afirmar que o livro de *Atos* seja uma “narrativa fundante” não o exime das características romanescas.

Dadas nossas ressalvas a respeito das diferenças entre o livro canônico de *Atos dos Apóstolos* e o “tempo de aventura e proações”, não afirmamos que *Atos* possui a forma de um romance, mas sim, formas “pré-romanescas”, muito próximas do cronotopo que apresentamos mais detidamente acima. Pois este livro está, geográfica e temporalmente, no

5 Temos um texto em que *Recognitiones* esteve no centro de nossa reflexão: “Reconhecimentos: uma análise narrativa”, em *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. 7ª Edição, V.6 – Nº 01 – Julho de 2011.

mundo em que as formas literárias desencadearão o romance propriamente dito, a saber, o período helenístico e o mundo mediterrâneo, lugar e momento, onde era característico o plurilinguismo, a comicidade e a superação das formas religiosas tradicionais, assim como dos antigos gêneros literários elevados como a epopéia e a retórica. Dessa maneira, o romance surge dos cadáveres dos mitos nacionais, e também da decadência dos antigos gêneros épicos, ambos, religiões e gêneros, vinham sendo questionados tanto no que diz respeito a suas formas, quanto no que diz respeito aos seus respectivos conteúdos⁶.

As formas ainda indefinidas no gênero que viriam a substituir aos arruinados mitos nacionais, são as que Bakhtin nomeou inorganicamente de formas pré-romanesco, e é dentre essas formas que pressupomos que o livro de *Atos dos Apóstolos* esteja, e realizaremos nossa afirmativa com argumentação baseada nas características elencadas acima.

Tomando a análise de Philipp Vielhauer (2005, pp.407-438), que nos introduz nas questões críticas do livro de *Atos dos Apóstolos* e revisa algumas pesquisas de teólogos histórico-críticos que o antecederam. A afirmativa da qual partimos para dialogar com esse exegeta é a seguinte: *Atos dos Apóstolos* é “singular como fenômeno literário” (VIELHAUER, 2007, p. 409), pois, Vielhauer acha, no mínimo curioso – como já afirmamos acima – que *Atos* sendo, a continuação de um evangelho (*Lucas*) “inicia com o relato da ascensão termine com uma nota de Paulo preso em Roma” (*ibidem*), deixando o final desconexo de seu princípio.

Por isso, *Atos* não é uma novela, devido a essa falta de conexão entre início e fim, embora, haja em seu interior, novelas (3.1-10), (13.8-12); lendas (9.36-42), (14.8-19), (12.13-17), (16.25-34), (5.1-11) e anedotas (28.1-6), (19.14-16), (20.7-12), no entanto, essas unidades presentes ao longo do texto se limitam apenas a perícopes em particular e não envolvem a narrativa toda. Para o pressuposto histórico-crítico, isso significa que o autor retrabalhou antigas narrativas orais díspares.

Contudo, embora haja esses diferentes gêneros textuais no interior do livro de *Atos*, existe entre eles uma coesão, a qual Vielhauer afirma que foi realizada pelo “recurso dos sumários”, repetitivos e vistos em toda parte ao longo do texto, pois sua teoria é de que *Atos*, sobretudo até o capítulo 12, é a junção de narrativas que circulavam oralmente de forma separada, em suas palavras, se trata de “uma dúzia de histórias avulsas” que seriam unidas pelo autor de *Atos*.

⁶ Essa é a argumentação da gênese do gênero romanesco em dois de seus breves textos: *Da Pré-história do Discurso Romanesco* (2010 B, pp. 363–396) e *Epos e Romance – sobre a metodologia do estudo do romance* (*idem*, pp. 397, 429)

Mas há outros elementos que também viabilizam essa coesão além dos sumários, como o fato do autor “estabelecer nexos de ligação na composição”, ou seja, o ato de relacionar uma história com a outra, como no caso de Saulo estar presente no apedrejamento de Estevão, isso é, ocorre uma apresentação adiantada desse personagem. Efeitos paralelos também acontecem em 8.4, em relação a 8.5ss e 11.19ss, *passim*.

Vielhauer ainda apresenta mais dois elementos que produzem a coesão, que é o “sentido norteador”, isso é o ideal que está na meta, a missão a ser cumprida, a qual não era pressuposta pelos apóstolos, nem nas versões orais das mesmas narrativas, pois em *Atos* há um claro elemento norteador que indica a partir de Jerusalém a direção de Roma, sobretudo na segunda parte (13-28). Mas também produz coesão nas diferentes narrativas, “os discursos”, principalmente, quatro deles: *Pedro perante os judeus-cristãos de Jerusalém em defesa a conversão do Centurião* (11. 5-17); *Paulo no Areópago* (17.23-31); *Paulo aos presbíteros em Éfeso* (20.18-35); *Paulo preso ao povo revoltado* (22. 1-21). Além desses ainda existem outros sermões importantes, como o de *Pedro aos judeus após o Pentecostes* (3.11-26); o longo *sermão de Estevão* (7.2-53), e alguns outros, todos tem efeito que vão além do enredo.

É exatamente sobre a discussão a respeito da coesão em *Atos* que inserimos nossa teoria, embora não estejamos distanciados da argumentação de Vielhauer, no que diz respeito à “singularidade do gênero do livro de *Atos dos Apóstolos*” (2005, p.429). E também concordamos com a existência de suas narrativas em estágios orais que foram retrabalhados pelo autor implícito. Mas, discordamos da possibilidade concreta de estudar as perícopes de diferentes gêneros (que originalmente eram narrativas orais) separadamente da restante da narrativa de *Atos*, como foi elaborada pelos redatores finais.

Pois, segundo nosso ponto de vista, o que garante a coesão, não são os elementos “samário”, “nexos de ligação”, “sentido norteador” e “os sermões”, como estratégias individuais, que são inseridas entre as narrativas dispares. Pois, não podemos imaginar o “autorar” de Lucas como um gesto tão mecânico que se limita a transpor para o papel relatos dispares interseccionados pelos referidos elemento de coesão. Em contrapartida, sugerimos que o garante a coesão do livro de *Atos dos Apóstolos* é o seu cronotopo, que, apesar de diferenças, e dada sua particularidade no tipo de gênero, se insere na linha pré-romanesca contemporânea de sua época, na qual se manifestam os elementos que serão responsáveis pelo surgimento do romance propriamente dito. Por isso, sua narrativa do início da história eclesiástica não é épica, como não foi trágica a narrativa de seu evangelho, Lucas prefere

falar⁷ em outros tons, para que assim insira sua obra na linguagem predominante de seu mundo.

A relatividade do *tempo* e do *espaço* em *Atos* se torna evidente tanto devido à isocronia dos discursos que nos referiremos abaixo, quanto devido às referências erradas da contemporaneidade e da presença de alguns personagens, como por exemplo, Gamaliel, célebre rabino, se metendo a proteger o cristianismo, ou o encontro com Simão, que certamente não foi contemporâneo de Pedro. Além disso, quais são as diferenças de costumes e crenças dos diferentes lugares pelos quais Paulo passa? Quase nenhuma! Quais os efeitos que o tempo causa nos personagens ao longo das narrativas? Quase nenhum! Os personagens principais gozam de admirável liberdade para se movimentar no espaço, assim como o tempo não é inimigo deles, não prejudica seus objetivos, mas trabalha em seu favor, conforme a vontade de Deus, como demonstra o início da atividade da igreja após o pentecostes (2.13)

A *importância dos discursos* em *Atos* é algo óbvio, já destacado há muito tempo atrás por Martin Dibelius em seu texto: *Ensaio sobre Atos* de 1951. Os referidos discursos, que já apresentamos acima, são mais direcionados aos leitores do que voltados ao próprio enredo, são narrativas isocrônicas, isto é, narrativas que duram o mesmo tempo que o evento, o que é notável, diante da velocidade com que outros momentos passam, como algumas viagens que apesar da demora, duram na narrativa poucos versículos (9. 14-15; 13. 4-5; 13.51-17.1; *passim*), as vezes um (14. 24; 14.25; 15.41; 17.1; *passim*).

Esses discursos estão lado a lado, como já nos referimos, a breves textos que são do gênero: “lendas”, “novelas”, “anedotas”, “discursos” e “sumários”, além de possíveis outros. Todos esses textos olhados paralelamente evidenciam o *sincretismo dos aspectos do gênero* e também a *composição enciclopédica*, pois, obviamente, com esse termo Bakhtin não quis dizer nada dos modernos manuais de estudos interdisciplinares, mas quis apenas afirmar a existência de diversos assuntos tratados em um mesmo texto.

Falar das coincidências que ocorrem em *Atos* também não é novidade, sejam elas *concomitâncias fortuitas*, como no caso do trecho altamente dramático em que o carcereiro ia se matar devido à fuga dos presos ocasionada pelo terremoto ocorrido por intervenção divina no momento em que Paulo e Silas louvavam a Deus; bem no momento em que o carcereiro iria tirar sua vida, Paulo grita e consegue impedi-lo (16.27-28); mas as coincidências ocorrem também devido à pura *casualidade*, como no caso de Paulo ter encontrado a mulher e ter expulsado dela o espírito de adivinhação (16. 16-40); ou no caso do coxo que se assentava na

⁷ Utilizo propositalmente o verbo “falar” devido ao pressuposto *bakhtiniano* de que por trás do gênero literário está o gênero discursivo (2010 A, p. 262)

porta do templo chamado Formosa, ter pedido esmola para Pedro e João, sem ter conhecimento de quem eram eles (3.1-10).

As *forças irracionais* também aparecem constantemente para dar amarração à narrativa, seja essa força o próprio Deus, ou seja, os eventos naturais. Por exemplo, quando Filipe é arrebatado de Jerusalém para Azoto (8.39-40), ou a tempestade que gera o naufrágio do navio que transporta Paulo (27.14-44), mas também, a *possibilidade de conhecer o futuro*, às vezes, exerce o mesmo efeito literário, que no interior da narrativa é extremamente importante para relacionar diferentes momentos do enredo (9.10-19; 11.28; 21.11; 16.9; *passim*).

O *encontro* é o tema do “Concílio de Jerusalém”, onde as figuras mais importantes do cristianismo primitivo estão juntas, debatendo o futuro de sua seita, essa é a reunião mais importante da história do cristianismo, não nos importamos se a versão que Lucas apresenta desse evento é branda em vista da versão de Paulo em *Gálatas* 15.1-2; 2.4-11, 11-13. O que importa é a relevância dessa reunião e de momentos como esse para o romance e para as formas pré-românticas.

Mas esse não é o único momento em que figura o tema *encontro*, também há o improvável encontro entre Gamaliel e os cristãos (5.34-39) que legitima o cristianismo perante e através do discurso de uma autoridade judaica; e também há encontro entre Pedro e Simão Mago (8.9-24) o qual é notável; visto que obviamente é fictício, pois ali apenas se afigura a possibilidade da reunião de dois grandes líderes religiosos supostamente contemporâneos numa simbólica luta do bem contra mal, mas nesse caso me parece que a luta é entre a religião ou a piedade verdadeira e falsa, diante do cristianismo o pré-gnosticismo de Simão é tão fraco que pede intercessão aos apóstolos.

A *estrada* ou o tema da *jornada* também parece bem óbvio em *Atos*, de forma que dispensa explicações, tendo em vista que *Atos*, na continuidade de *Lucas* pretende demonstrar como o cristianismo saiu de Jerusalém e chegou até Roma – por mais lendária que sejam essa narrativa, ela tem uma meta. A estrada aparece constantemente, a circulação de cidade em cidade efetuada pelos apóstolos pregando o evangelho, assim como viagens pelo mar acontecem mais de uma vez. Com base nessas viagens, Dibelius propôs sua hipótese, muito contestável, a do “itinerário”. Segundo sua hipótese existia um “texto fonte”, que se baseava em anotações sobre o trajeto paulino, e esse documento foi utilizado pelo autor de *Atos*. Embora a hipótese do itinerário não pareça digna de confiança, já demonstra uma intuição inspirada nos interpretes pelo senso de meta presente em *Atos*.

Todos esses elementos são indispensáveis para a narrativa de *Atos*. Sem eles, ela não teria sentido, ou não seria empolgante o suficiente, ou então, não seria suficientemente digna de crédito para estar entre na sequência de um evangelho Assim, podemos confirmar mais uma característica do “romance de aventura e provações” em *Atos*. Talvez seja a mais importante de todas, que é a relação de Paulo com a tradição folclórica. Pois, Paulo é um homem em um *mundo estranho*, no qual ele se movimenta com muita facilidade e agilidade, como demonstram suas três viagens missionárias, apesar de que para isso ele sofra e em alguma instância tenha que lutar, ainda que apenas simbolicamente; contra as autoridades civis (16.22-26) e religiosas (18.12); contra seus compatriotas (21.3;0) contra nativos das cidades nas quais pregou (19.23-41); contra fenômenos naturais (27.14-44); contra a tradição de seu povo, assim, Paulo se manifesta como um homem indestrutível que luta contra a natureza e contra as forças inumanas (BAKHTIN, 2010 B, p.229).

Considerações finais

Através de nosso texto pretendemos apresentar o conceito *bakhtiniano* de cronotopo, e com mais detalhes apresentamos as características da classificação cronotópica do “tempo de aventura e provações”, a qual, utilizamos para comparar com os elementos presentes no livro canônico de *Atos dos Apóstolos*.

Em seguida, apresentamos primeiro o distanciamento entre o “tempo de aventura e provações” e depois as proximidades, pois em nenhum momento quisemos forçar uma teoria ao referido livro, apenas quisemos apresentar a possibilidade de estudá-lo como literatura; como os demais livros dessa mesma época são estudados pela academia, pois o status de canônico não deveria dar nenhum privilégio metodológico às fontes analisadas.

Em comparação com a análise introdutória de Philipp Vielhauer não há tantas diferenças nas instigações, pois em ambas pesquisas há uma busca pelo elemento de coesão no livro de *Atos*, mas na pesquisa histórico-crítica se pressupõe a possibilidade de estudar as perícopes independentes de sua inserção na narrativa, como se fossem elementos autônomos. Enquanto que em nossa pesquisa, embora também valorizemos a fase oral que antecede a transcrição do texto, não pretendemos esfacelar o texto, recortando a narrativa, pois isso o eximiria de sua mensagem, produzida exatamente pela coesão entre ela e o restante da narrativa.

Assim deixamos nossa proposta de pensar as narrativas bíblicas como literatura, para análise não só do livro de *Atos dos Apóstolos*, mas da Bíblia como um todo, pois só assim conseguiremos tornar a Bíblia acessível para análises verdadeiramente acadêmicas, desinteressadas e não dogmáticas.

Bibliografia

- AMORIM, Marília. *Cronotopo e exotopia* In: BRAIT, Beth.(org.). *Bakhtin – outros conceitos-chaves*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 95-114.
- BAJTIN, Mijail. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos – comentarios de Iris M. Zavala y Augusto Ponzio*. Barcelona/San Juan: Anthropos/EDUPR, 1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 2010 A, pp.393-410.
- _____. *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora F Bernardini *et alli*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010 B.
- _____. *Formas de tempo e cronotopo no romance – ensaios de poética histórica*. In: *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora F Bernardini *et alli*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010 B, pp.211-362.
- _____. *Da Pré-história do Discurso Romanesco*. In: *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora F Bernardini *et alli*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010 B, pp. 363–396.
- _____. *Epos e Romance – sobre a metodologia do estudo do romance* In: *Questões de Literatura e de Estética*. Tradução de Aurora F Bernardini *et alli*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010 B, pp. 397, 429.
- _____/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem – 14ª edição*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- CLARCK, Katerina; HOUQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DIBELIUS, Martin. *Aufsätze zur Apg*. FRLANT 60, 1951.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LEITE, Francisco B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Breve biografia e alguns conceitos. *Revista Magistro*. Rio de Janeiro v.1, n.1, 2011, pp. 43-63. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro>

_____; REIS, Eduardo José dos. *Recognitiones* esteve no centro de nossa reflexão: Reconhecimentos: uma análise narrativa *Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. 7ª Edição, V.6 – Nº 01 – Julho de 2011. Disponível em: http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_07_01_02.pdf

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: uma introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Tradução de Ilson Kayson. Santo André: Academia Cristã, 2005.